

CONTO

A mulher no espelho

Maria Lúiza Brito da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

marialuizasilvabrito@gmail.com

Não sei quem é a mulher no espelho. A vejo à noite, quando o silêncio pesa sobre o apartamento. Minha visão sobre ela? Sempre a mesma: movimentos calmos, mas passos tensos, mãos trêmulas e olhos fixos nos meus. Mesmo que eu olhe para outro lado, sinto seu olhar me penetrando pela pele e me forçando a voltar a encará-la. Ela nunca fala. Me observa como se estivesse esperando que eu tenha reação. Às vezes, tenho a impressão de que um vulto passou por perto ou até que alguém se aproxima por trás para me atacar. Parece quase que, se eu parar de observar seus olhos — nos quais me procuro constantemente e nunca me achei — provavelmente algo irá invadir meu espaço, o meu mundo. É apenas um acordo silencioso entre nós duas, *não podemos desgrudar os olhos uma da outra*.

Na primeira vez que vi aquela moça, pensei que fosse meu reflexo. O quarto estava escuro, estava indo dormir, porém, me deixei levar pela ilusão do que estava refletido e me aproximei do espelho e assim ela o fez em conjunto, não como o reflexo, mas como um ser me observando do outro lado daquele espelho. Todas as noites parecem ser as mesmas, ou aquele momento se passava ainda naquela noite?

Ela não vai embora, sempre dentro do espelho. Tento ignorar, tento ir dormir. Me recordo de cogitar em cobrir o espelho com um pano, e logo em seguida um barulho de tecido voa próximo de mim. Me recordo também de decidir quebrá-lo, e atrás de mim escuto algo se estilhaçar como um vaso de vidro. O choque ao escutar esses barulhos me fazia cada vez mais observar os olhos dela. Era como se fosse um aviso para que eu não pudesse cogitar nada, ou opinar, tomar decisões.

O meu coração continuava disparado e a mulher não se movia. Apenas me olhava de volta, no escuro do espelho e eu no escuro do quarto. Estaria me enxergando? Percebo que se passa mais de uma noite neste acordo, pois está mais próxima a cada segundo e cada segundo é uma noite em que entro em consciência do que está havendo. Seus movimentos imitam os meus. Estamos tão imóveis e nos observando tão fixamente que parecemos ser uma só.

Eu penso, certo segundo, em falar e logo depois, ela toma minha pergunta de mim:

“Quem sou eu?”

Penso novamente assim que ouço sua voz e ela rouba minhas palavras, o movimento de minha boca:

“Quem é você?”

Me recordo em sentir meu corpo inteiro se arrepiar quando a mulher arranca meus pensamentos de mim e o fala:

“Quem é essa?”



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL3662-DTDP

Recebido

21 de novembro de 2025

Aprovado

17 de janeiro de 2026

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

Ela não demonstrava sua própria opinião, pensamentos ou até sua fala. Queria arrancar tudo de mim e então por que me mantinha calada? Seguiram-se dias, e eu com medo de apenas uma mulher em um espelho. Uma que eu não conhecia, que nunca fez parte de minha vida. Decido dormir e a mesma permanece em silêncio. Exatamente, eu deveria parar de deixar aquilo me domar. Ora eu, uma adulta, com medo de um reflexo que não me pertence.

Assim que abro os olhos novamente, vejo meu quarto em outra perspectiva. Guarda-roupa, mesa de cabeceira, meu abajur, minha cama e há alguém deitado nela. Tento gritar e andar até a pessoa atrevida que invadiu meu espaço. A mulher levanta da cama casualmente enquanto eu bato minha mão em algo que não enxergo. Parece-me um vidro, é duro e frio. Olho para a mulher de novo me enfurecendo, mas... sou eu. A mulher que arruma a cama, que organiza a bagunça da noite anterior.

Está finalmente de dia, ouço a voz de meu marido me chamando pela casa. Havia voltado e eu onde estava? Aquela ali, o respondendo não era eu, de maneira nenhuma! Seria uma lembrança? Eu o vejo ali, depois de tantos dias longe de mim, e apenas sinto as barras de minha cela fria e invisível. Observo meu marido beijar uma mulher que tem meu corpo, mas não sou eu! Ela me observa de volta, rindo.

“Olha só esta velha... rachada e seca.” Minha voz diz na minha direção e o pobre do meu marido cai em sua lábia.

“Fala do espelho, querida?” Ele beija o pescoço que era meu. Sorri para outra pessoa. “Se desejar, eu compro outro...”

Eu começo a entender onde estou, quem sou e começo a me desesperar a bater o vidro. Ela não podia, não tinha esse direito! Roubar a minha vida, o meu apartamento e o meu marido!

“Ei, você! Me tire daqui! ME TIRE DAQUI DE DENTRO!”

“Não fará falta.” Ela abre um sorriso imenso e ri nos braços do meu marido, o abraçando e me encarando a cada momento.

Começo a gritar e espernear dentro do espelho, batendo, o chutando e me jogando nele. A xingo enquanto o tinha na minha frente e eu não consigo parar de olhar enquanto ela me olhava de volta! Meu marido não percebe, aparentemente acha que é um novo fetiche em nos observar no espelho enquanto nosso suor e corpos se unificam. Ela, quando tinha tempo de suspirar, fazia cada vez mais graça de mim, rindo. Rindo de mim e me contando como eu era idiota pelos olhares. Minha vontade era de arrancar os meus olhos com os dedos e esmagá-los com as mãos. Pegar meus cabelos e puxar até que eu sentisse minha mente fervilhar. Urrava para ela o tanto que podia, pois eu não me aguentava e a minha voz nem era ouvida ali dentro. Ela usava até os meus gritos naquele momento. A mulher no espelho usava meu marido, minhas roupas e meus móveis, além de usar o meu corpo.

Ela, seja quem for, me observava agora. Meu marido descansava na cama. Eu a encarava de volta, com os olhos fixos nos dela. Faço movimentos calmos, mas meus passos são tensos, minhas mãos tremem pela oportunidade de recuperar tudo que era meu. Um acordo conveniente, *não podemos desgrudar os olhos uma da outra*. Mas eu venceria a impostora. A covarde. A mim mesma.

Maria Lufza Brito da Silva

Graduanda em Letras Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/7894788913266729>.